

BONEQUEIRAS? CONHEÇO SIM, QUEM SÃO?¹

Catarina Calungueira²

São as avós, as mães e as filhas que brincaram e brincam nos roçados com as espigas de milho, com sabugos, com as bonecas de barro, com as bruxinhas, com as *abayomis* e com as sombras das fogueiras, velas e candeieiros no acalento, contentamento e graça.

Estivemos sempre por trás da tolda, na escultura, nos adereços, na costura, botando bonecas num fazer forte, ancestral e essencial, mas devoradas pelo silêncio da navalha patriarcal quando nos negavam e negam o direito de estarmos em cena; quando anunciam somente o nome dos homens ao apresentarem as companhias ou grupos; quando não nos escutam ou ignoram as nossas opiniões em rodas de discussões; quando nos pagam menos por sermos mulheres; quando acreditam mecanicamente que o trabalho de criação e execução é do homem e dirigem-se a eles para sanar dúvidas ou rasgar elogios.

As navalhas nos cortam o tempo todo partindo das violências mais sutis que alimentam as mais vorazes. Clarissa Pinkola Estés me ajuda a compreender melhor a dimensão do que fazemos:

As bonecas servem de talismãs. Os talismãs são lembretes do que é sentido, mas não visto; do que existe, mas não é de evidência imediata. O *numentalismânico* da boneca é o que nos recorda, o que nos diz, o que vê adiante de nós (ESTÉS, 2014, p. 109).

Esses talismãs sustentaram e sustentam o corpo e a alma, animam e são animados, aquecem o pavio do coração, impulsionam o movimentar-se para dar corpo e voz às bonecas, essas criaturas livres. E é preciso entregar-se, sentir-se corpo, desabrochar a voz, movimentar-se dançante-mente. E as histórias? São as vísceras sentimentais do que comemos e expelimos o tempo todo fazendo dessas narrativas uma declamação de intimidades. Não permitimos e nem permitiremos que nossos “*talismãs*” sejam usados para agredir a nós mulheres como objetos de desejo, que devem apanhar ou entrar em cena somente para dançar, parir, serem salvas ou suplicarem a presença de um namorado ou marido. Não! Nós somos muito maiores. Quando nos reconhecemos criadoras e personagens principais de nossas histórias projetamos essas percepções para as falas e ações que não cabem nas velhas representações contadas e encenadas tradicionalmente por homens. Temos o direito e dever de criar nossos espaços de fala e atuação para nos auto representar. Nosso trabalho é mais profundo do que aparenta:

Dessa forma, a boneca representa o espírito interior das mulheres: a voz da razão, do conhecimento e da

² Pedagoga, especialista em arte-educação, brincante de Calungas e uma das criadoras da Rede de Bonequeiras. Vive na cidade de Ipueira (RN)
E-mail: catarina.pedagogia@gmail.com

conscientização íntima. A boneca assemelha-se ao passarinho dos contos de fadas que vem sussurrar no ouvido da heroína. Ele é quem revela o inimigo oculto e a atitude a tomar diante da situação (ESTÉS, 2014, p.107).

Bonequeiras são enredadeiras e rendeiras de sonhos e juntas formam, desde 17 de dezembro de 2019, uma “Rede de Bonequeiras”. Ah, as redes! A rede é palavra-balanço, lugar de encontro, de cambalhotas, brisas, casulos, sono e voo, e é também onde as relações humanas e tecnológicas se conectam e recebem o nome de redes-sociais. São tecidas e se fortalecem, através da internet, e o *WhatsApp* proporcionou os primeiros balanços das bonequeiras com um pequeno impulso gerado a partir de Ipueira (RN), com a intenção de conectar histórias olhando nos olhos, sentindo na pele, na risada, no ouvido. Queríamos um encontro para homenagear Dadi Calungueira, brincante de calungas, expressão do Teatro de Bonecos Popular Tradicional do Nordeste Brasileiro, escultora e poeta residente na Cidade de Carnaúba dos Dantas (RN). Dadi é a mulher que abriu e abre caminhos para tantas outras mulheres e suas vozes ativas. Seu trabalho foi registrado por Maria das Graças

Cavalcanti Pereira em um livro intitulado de *Dadi e o Teatro de Bonecos: memória, brinquedo e brincadeira*. O encontro estava marcado para abril de 2020, mas os tempos se fizeram outros, tempos pandêmicos que nos colocaram em uma espera ativa e pulsante.

Os tempos pandêmicos afastaram o tato do contato, mas nos possibilitaram conexões onipresentes, deusas que se comunicam mantendo uma presença divina causando arrepios, calores e calafrios. As entrevistas e apresentações feitas através da internet abriram portais no tempo, espaço, e dentro das histórias de cada bonequeira para que, juntas, pudéssemos adentrar e realizar um banquete autobiográfico e coletivo unindo forças, desejos e sabores.

A Rede de Bonequeiras, como denominamos atualmente, já se chamou Mulheres no Mamulengo e Mulheres Bonequeiras. Surgiu da necessidade de voz e ouvidos ativos, de conhecer outras mulheres e suas histórias e de conhecer e se reconhecer. Nesse caminho a administração do grupo parte da autogestão e auto-organização na qual todas as mulheres que fazem parte do grupo no *WhatsApp* são administradoras e não há lideranças, pois há um certo cansaço de termos heróis que nos salvem e



Desenho de Mariana Acioli de Siqueira Aguiar.

que nos apresentem e representem o mundo e no mundo. Estamos vivenciando muitas aprendizagens políticas e uma delas é ter o direito e dever de se organizar e desorganizar.

Nesses movimentos de organização e desorganização realizamos a nossa primeira reunião no dia 5 de junho de 2020 através do *Google Meet* e com a divulgação dessa reunião nos grupos: *Brincantes de Teatro de Bonecos*, coordenado por Andreisson Quintela, e o *ABTB Rede*, administrado pela Associação Brasileira de Teatro de Bonecos instalados no *WhatsApp*. A Rede de Bonequeiras

começou a receber mulheres de todos os lugares do país como se fossem constelações irradiantes iluminando todas nós e em um dia saímos de cerca 50 mulheres, para somar mais de 200 agrupadas.

Na primeira reunião projetou-se a criação de grupos estaduais que escolheriam representantes para serem porta-vozes em reuniões nacionais, buscando assim facilitar a fala e a organização de demandas. A segunda reunião, ocorrida no dia 27 de junho de 2020, teve dentre seus assuntos centrais, a forma como os grupos estaduais estavam se organizando, e a criação de uma comissão



Desenho de Mariana Acioli de Siqueira Aguiar.

para construir um questionário para mapear as bonequeiras. A comissão de mapeamento reuniu-se em grupo no *WhatsApp* e realizou duas reuniões para a construção do questionário que foi apresentado e debatido em outra reunião, no dia 19 de julho de 2020, juntamente com as representantes estaduais, para que o documento esteja disponível para as bonequeiras responderem até 1º de agosto de 2020. Precisamos nos conhecer cada vez mais e assim poderemos criar mais redes de apoio e fortalecimento mútuos; queremos saber onde estamos, quais são as principais atividades que desenvolvemos e quais são os nossos maiores desafios antes, e durante a pandemia.

A Rede de Bonequeiras é um caminho que está sendo construído e os frutos doces e azedos serão colhidos, experimentados, suas sementes serão devolvidas à terra que cuidará de cada uma delas para que novas frutas surjam em políticas públicas, visibilidade, amorosidade, cuidado, oficinas, festivais, encontros presenciais e então, formaremos uma grande ciranda de sonhos palpáveis.

Somos como os grãos de milho, que mesmo quando andam perdidos, nascem, crescem, geram espiga e da espiga alimentamos a barriga com os grãos que somos; com nossas palhas e sabugos alimentamos a alma da faminta imensidão humana nessa grande brincadeira que é a vida.

Bonequeiras? Conheço sim, aqui estamos!

Eu sou, eu sou

Bonequeira, construtora

Sombrista, calungueira

Maria Redonda, Cassimira Coco

Babau, Mamulenga

Marieta Minhoca

Pari o lambe-lambe

Tô no palco, tô na rua

No terreiro, no circo e na tolda

Tô na máscara, na costura

Brincando com os objetos

E não aceito menos do que mereço.

NOTA

¹ *Bonequeiro? Conheço, quem é?* Espécie de trocadilho usado como recurso cômico pelo brincante de João Redondo, Mestre Chico Daniel (1946-2007), meu conterrâneo, que o empregava com frequência em cena. Um boneco perguntava: - *Você conhece fulano de tal?* E o outro boneco respondia: - *Conheço, quem é?*

REFERÊNCIAS

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. Trad. Waldéia Barcellos. São Paulo: Rocco, 2014;

PEREIRA, Maria das Graças Cavalcanti. *Dadi e o teatro de bonecos: memória, brinquedos e brincadeira*. Natal (RN): Fundação José Augusto, 2011.